

CIDADÁOS MODERNOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente
EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT
JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Mónica Zoppi-Fontana

CIDADÃOS MODERNOS
Discurso e representação política

2ª EDIÇÃO REVISTA

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Z76c	Zoppi-Fontana, Mónica, 1961-.	
	<i>Cidadãos modernos: Discurso e representação política</i> / Mónica Zoppi-Fontana. – 2. ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.	
	1. Análise do discurso – Aspectos políticos. 2. Semântica. 3. Argentina – Política e governo – 1983- 4. América Latina – Política e governo – 1983- I. Título.	
		CDD 401.41
		412
		320.982
ISBN 978-85-268-1072-3		320.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso – Aspectos políticos	401.41
2. Semântica	412
3. Argentina – Política e governo – 1983-	320.982
4. América Latina – Política e governo – 1983-	320.98

Copyright © by Mónica Zoppi-Fontana
Copyright © 2014 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1997

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

A meu pai
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Se as páginas deste livro consentem algum verso feliz, desculpe-me o leitor pela descortesia de tê-lo usurpado eu previamente. Nossos nada pouco diferem; é trivial e fortuita a circunstância de que sejas tu o leitor destes exercícios e eu, seu redator.

Jorge Luis Borges, *Fervor de Buenos Aires*.

Que todo texto é uma dispersão de enunciados e que todo autor não é senão uma função a ser preenchida já é coisa sabida desde Foucault. O que ele não disse e nenhum tratado explica é que tanto o texto quanto o “autor” são produtos de uma condensação, de uma alquimia secreta e poderosa: aquela que funde vontades, afetos, gestos, sorrisos, olhares, mãos, vozes, tudo na amálgama preciosa que constitui cada amigo.

A todos eles, simplesmente por estarem comigo, cada um a seu modo, na euforia e no desespero, minha gratidão e meu afeto.

A Eduardo Guimarães, pela orientação, pelas leituras e, sobretudo, pela confiança e pelo respeito de nossa relação de trabalho.

A Eni Orlandi e Cláudia de Lemos, pelos prazeres e mistérios da entrega às paixões da linguagem.

A Freda Indursky, pela interlocução amiga e criteriosa.

A Edgar de Decca, pelas dicas históricas.

A Wanderley Geraldi, pelas discussões bakhtinianas.

A Ingedore V. Koch, pela cuidadosa leitura para o exame de qualificação.

A Angela Bueno Palacios, Mariano Sánchez, Eduardo Rinesi e Graciela Fernández, por terem facilitado meu acesso ao material trabalhado.

A meus colegas portenhos, pelas lutas e esperanças dos primeiros anos de profissão.

A meus amigos do lado de lá e de cá da fronteira, pelo apoio constante e carinhoso.

Aos colegas de pesquisa em semântica e análise do discurso, pelas produtivas discussões.

A CNPq, Capes, Fapesp e Faep, pelo financiamento.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO	15

PARTE I

A viagem.

Percursos teóricos e metodológicos

1. <i>Tempos modernos: Os governos “de transição”</i>	19
2. <i>A testemunha: Enunciação e exterioridade</i>	29
3. <i>Um lugar no mundo: A construção do corpus</i>	51

PARTE II

Da palavra delegada à palavra fundante.

Fundamentos discursivos da representação política

4. <i>Lugares de memória: A República, a Constituição, a praça</i>	63
5. <i>Da rua à sacada: A figura do porta-voz</i>	79
6. <i>Discurso e interpelação política</i>	85
7. <i>A língua do povo: O nós político</i>	95
8. <i>A língua do saber político</i>	117
9. <i>Ilusão de exterioridade: Equívoco e contradição</i>	141

PARTE III

Os tempos da política; as políticas do tempo.

Gesto fundacional e memória

10. *A insustentável leveza do ser: A transição*..... 157
11. *Memórias do futuro: A modernização* 165
12. *Santo ofício da memória: As fundações*..... 187

PARTE IV

Última parada.

Considerações finais

13. *Crônica de uma modernidade anunciada* 211
14. *Nós político, eu supremo* 219

Referências bibliográficas..... 231

PREFÁCIO

Em junho de 1994, eu defendia no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp), sob a orientação do professor Eduardo R. Junqueira Guimarães, minha tese de doutorado intitulada “Modernização e discursos democráticos. Porta-vozes esclarecidos nos tempos da transição”. Este livro retoma esse texto, com algumas modificações.

Por que apresentar ao leitor brasileiro um texto que mergulha no complexo campo do discurso político argentino? Por que pôr em circulação esta minha análise dos processos discursivos que organizaram a prática política do governo de Raúl Alfonsín (1983-1989)?

O próprio leitor encontrará as respostas para essas questões no fio da leitura deste livro. Os discursos analisados lhe resultarão familiares; uma certa ressonância, um certo efeito de eco, de *déjà-vu* o fará lembrar de enunciados semelhantes do discurso político brasileiro, levando-o a identificar na sua própria memória discursiva efeitos de sentido similares. No entanto, reconhecerá também diferenças. A história não se repete nunca idêntica a si mesma; ela se produz na dinâmica de condições de produção sempre específicas e concretas, na materialidade de processos ideológicos determinados por conjunturas sócio-históricas precisas.

O leitor acompanhará a reflexão sobre o funcionamento do *discurso sobre a modernização*, do *discurso sobre a democracia*, do *discurso da transição* na Argentina dos anos 1980 e descobrirá que o que está finalmente em jogo são os processos de identificação/interpelação ideológica que constituem o sujeito como cidadão. Difícil questão esta da cidadania, porque ela é sempre processo de construção; porque ela se define pelo confronto de processos de significação que mudam segundo as condições de produção das práticas discursivas e políticas que atravessam o corpo social.

Neste livro, analisamos um dos fatores que intervêm no processo de constituição discursiva e política do sujeito-cidadão: a prática discursiva do governo e os efeitos de sentido que ela produz. E circunscrevemos o trabalho de análise a uma conjuntura histórica precisa: o período dos primeiros governos democráticos após as ditaduras militares que assolaram a América Latina nos anos 1960 e 1970. No campo discursivo assim delimitado, focalizamos o nosso trabalho no estudo dos efeitos de sentido produzidos pelo *discurso sobre a modernização*.

Interessa-nos principalmente compreender que posição de sujeito-cidadão é definida pelo discurso oficial a partir das predicções de *democrático* e *moderno*, e como ela atua, como processo imaginário de identificação, sobre a prática efetiva da cidadania por parte da população.

O leitor terá já entendido o interesse desta publicação. Em tempos de *racionalidade política*, de *modernização do Estado*, de *morte das ideologias*, de *falsas esquerdas* e *direitas anacrônicas*, enfim, de múltiplos *nhem-nhem-nhens* de cores e origens variadas, urge demorar-se na reflexão teórica e política e na análise dos processos históricos em que estamos submergidos, para não sermos capturados por esses modelos de *cidadãos modernos*, oferecidos como *prêt-à-porter* ideológico pelo discurso neoliberal tão na moda.

Este meu livro pretende ser uma contribuição para essa reflexão, trazendo para a discussão as práticas discursivas que participam dessa situação. Assim, esperamos que nosso trabalho minucioso com o tecido e a textura da linguagem permita ao leitor enxergar as costuras pouco visíveis que modelam o figurino político da nossa América Latina atual.

Mónica G. Zoppi-Fontana

APRESENTAÇÃO

Não se espera dos críticos, como se espera dos poetas, que nos ajudem a encontrar sentido à nossa vida. Corresponde-lhes apenas tentar a façanha menor de encontrar sentido às formas pelas quais tentamos encontrar sentido à nossa vida.

Frank Kermode, *El sentido de un final. Estudios sobre la teoría de la ficción.*

Como apresentar um trabalho que não é mais do que o resultado de uma busca sempre inacabada por fazer sentido(s) nos domínios com os quais nos reconhecemos como sujeito de conhecimento? Vã tentativa de explicar a instabilidade do desejo, de recobrir com a alegada coerência do discurso científico o que na verdade não é mais do que nossa errática circulação pelas diferentes regiões de sentido, nas quais nos constituímos como sujeitos de discursos, que necessariamente acreditamos sejam os nossos. Talvez o caminho seja acompanhar as pegadas deixadas por nossos passos ao longo do trajeto percorrido nessa nossa prática de conhecimento, que é uma maneira de entender a linguagem e também uma maneira de entender o político. Pegadas que partindo de direções diferentes acabam se encontrando no fim da travessia. Por um lado, a nossa preocupação com os discursos sobre a modernização que atravessam recorrentemente o cenário político da América Latina. Por outro lado, o nosso interesse por compreender os processos discursivos que produzem no discurso uma ilusão de exterioridade para o sujeito do discurso em relação a sua inscrição no acontecimento discursivo. Inquietações diversas que, no entanto, norteiam a caminhada para um mesmo horizonte teórico: a relação língua-discurso, como confronto do simbólico com o histórico.

PARTE I

*A viagem*¹.

Percursos teóricos e metodológicos

¹ Título do filme argentino dirigido por Fernando Solanas (1992).

Tempos modernos¹: Os governos “de transição”

Essa dramaticidade do irresoluto que faz da modernidade linguagens do real, mas também abismo entre a linguagem e o real: consciência e prepotência da linguagem face às fronteiras e aos precipícios das realidades da história.

Nicolás Casullo, “Modernidad, biografía del ensueño y la crisis”.

A década de 1980 representou para a América Latina um retorno gradual à democracia após longos anos de ditaduras militares. Duas questões se levantaram então como problemas urgentes a serem resolvidos pelos novos governos: por um lado, uma questão de ordem jurídico-institucional envolvendo a definição de diferentes mecanismos de negociação política destinados a assegurar a estabilidade dos chamados governos “de transição”; por outro lado, a decisão de medidas de emergência que permitissem não só superar a crise econômica que acompanhou a volta ao sistema democrático, mas, sobretudo, recuperar o desenvolvimento das economias nacionais fortemente sucateadas pelas ditaduras. Ambas as questões produziram na ordem discursiva a focalização do discurso político em dois núcleos temáticos: o da *democracia* e o da *modernização*, geralmente coincidentes e fundamento recíproco um do outro. Assim, os primeiros anos dos chamados governos “de transição” poderiam ser caracterizados (com algumas diferenças dependendo do país) pelo fato de terem centrado a prática política numa intensa prática discursiva destinada a redefinir os conceitos de *democracia* e *modernização*.

O tema da *modernização* não é uma novidade do discurso político dos anos 1980. Ele já foi objeto de debate durante diferentes

épocas, inclusive durante os anos dos últimos governos militares da região. Entretanto, com a posse dos presidentes eleitos democraticamente, os discursos sobre a *modernização* sofrem um deslocamento importante: a questão deixa de ser colocada no plano econômico para ser considerada como uma discussão da ordem do político-institucional, e até mesmo da ordem cultural. Esse deslocamento pode ser entendido como um efeito de sentido produzido pelo cruzamento do *discurso sobre a democracia* com o *discurso sobre a modernização*, ambos determinados pelas restrições temporais impostas pelo *discurso da transição*. Esse especial quadro discursivo não é exclusivo do discurso político da época, pois ele também aparece determinando frequentemente os trabalhos teóricos sobre os chamados governos “de transição”². Nesses trabalhos, pode-se observar uma extensão do campo referencial designado por *transição*, que é definido num primeiro momento como o período que vai da abertura da atividade política à realização das primeiras eleições pós-ditaduras, e alude depois ao processo de institucionalização e consolidação do sistema democrático, abrangendo, assim, não só o período de mudança de regime, mas, também, todo o mandato do primeiro governo democrático. Como consequência dessa expansão semântica do campo referencial do conceito de *transição*, opera-se no discurso político uma extensão dos sentidos de *precariedade* e de *provisório* do período de mudança de regime à administração do novo governo, o qual resulta definido *ipso facto* como essencialmente *instável*. Assim, no discurso político³, objeto principal do nosso interesse, observa-se um deslocamento em relação ao sentido do conceito de *transição*: este, que é definido nos trabalhos teóricos através de categorias de análise próprias da sociologia política (por exemplo: grau de mobilização popular, mecanismos de negociação política como pactos ou acordos multipartidários, institucionalização de procedimentos de participação semidireta da população nas decisões governamentais, redefinição da função dos principais atores sociais, especialmente das Forças Armadas etc.), passa a ser defi-